

## **A HISTÓRIA NATURAL DOS SERTÕES DO CEARÁ DE ANTÔNIO BEZERRA EM NOTAS DE VIAGEM (1889)**

Paulo Italo Moreira\*

Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira\*\*

### **1. ANTÔNIO BEZERRA E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA NATURAL EM “NOTAS DE VIAGEM”**

Antônio Bezerra de Menezes nasceu em Quixeramobim em 21 de fevereiro de 1841. Filho de político renomado no Ceará, poderia ter enveredado pela carreira político-administrativa; mas não o fez. Na capital, Bezerra finalizou seus estudos primários no Liceu do Ceará, e, posteriormente, seguiu para São Paulo na tentativa de concluir seus estudos em direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Retornando à Fortaleza, Bezerra se mostra insatisfeito com a vida intelectual da capital, pois percebe que os estudos aqui são defasados, pobres de argumentação e de vivacidade, em comparação com São Paulo e Rio de Janeiro. Desta forma, Bezerra propõe uma mudança de perspectiva, na medida em que passa a buscar incessantemente trabalhar para o desenvolvimento intelectual da capital cearense. Como João Brígido diz, Bezerra “... tem como um fogão no crânio, no qual está, dia e noite, ardendo a novidade...”.<sup>1</sup>

Mesmo não tendo sido diplomado, Bezerra reunia uma gama de conhecimentos teóricos e práticos, pelos quais o Governo Provincial reconheceu fazendo a escolha deste intelectual para a difícil missão de desbravar o sertão cearense. Conhecimento empírico, pois Bezerra já havia tido uma experiência em expedições de cunho naturalista anteriormente, em seu livro *Maranguape: notas de viagem*, publicado em 1884. Percebemos ao longo do livro, que o intelectual do Ceará se faz valer de seu conhecimento pragmático para desenvolver as suas digressões sobre o seu cotidiano na viagem, pois as descrições detalhadas de tipos de plantas, conchas, insetos, solo, etc., são feitas através de seu conhecimento teórico, por intermédio de suas leituras e, principalmente, por conhecimento de causa, pelo seu trabalho em campo. Isto dá bastante legitimidade ao seu trabalho, pois Bezerra comprova e vivencia tudo o que ele lê nos livros.

---

\* Graduando em História pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-História/MEC-Sesu). E-mail: [paulomitato@gmail.com](mailto:paulomitato@gmail.com)

\*\* O presente trabalho é orientado por Almir Leal de Oliveira, Doutor em História; Professor da Graduação e da Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [almirleal@uol.com.br](mailto:almirleal@uol.com.br)

Bezerra também teve experiências voltadas às participações em diversas agremiações literárias e culturais da capital cearense. Foi um dos sócios-fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará em 1887, tendo uma participação efetiva redigindo artigos na Revista do Instituto até, pelo menos, 1910. Também foi um dos fundadores da Academia Cearense de Letras, criada em 1894, que tinha como intuito primeiro a utilização e aplicação prática da ciência na sociedade. Em uma primeira análise, percebemos que o intuito dessas instituições, bem como de seus membros, era a utilização prática desse conhecimento na vida da sociedade. Dessa forma, os autores analisavam a sociedade com um repertório filosófico e científico – principalmente se valendo da história natural e do positivismo -, detectando os problemas e propondo soluções viáveis ao progresso e, conseqüentemente, ao desenvolvimento, na tentativa de incluir o Estado no rol da civilização.<sup>2</sup> Interessante também é salientar a importância dessas academias como formas de sociabilidade entre os próprios intelectuais, que, por meio destas, estavam em constante contato, trocando experiências científicas e, portanto, produzindo conhecimento científico a cada reunião.<sup>3</sup>

O desenvolvimento das práticas científicas da história natural remonta ao século XVIII, sendo Carl Lineu o propulsor desse conhecimento. A intenção de Lineu na produção de seu livro *Systema Naturae* (1758) denota claramente a vontade de organizar o mundo natural de acordo com a vontade humana. Além disso, Lineu quis popularizar o conhecimento científico, produzindo uma tabela de nomes para a fauna e flora, por meio da qual os cientistas pudessem reconhecer determinadas características da forma estética de cada espécie. Desta forma, Lineu criou o que hoje conhecemos por taxonomia. Mary Louise Pratt, em *Os olhos do Império* nos ajuda a entender como foi sendo construído o método utilizado pelos naturalistas. Diz Pratt:

*A História natural mapeia não a estreita faixa de uma determinada rota, não as linhas onde terra e água se encontram, mas os 'conteúdos' internos daquelas massas de terra e água cuja extensão constitui a superfície do planeta. Estes vastos conteúdos seriam conhecidos não por meio de linhas finas sobre um papel em branco, mas por representações verbais por sua vez condensadas em nomenclaturas ou por meio de grades rotuladas nas quais entidades são inseridas. ( PRATT, 1999, p.64)*

A importância de nomear para os naturalistas denota claramente o poder do discurso científico diante das disponibilidades do meio em que o ser humano vive. Para tanto, segundo Pratt, o nomear caracteriza uma forma de decodificar a aparente desordem do mundo natural, portanto, é uma nova forma de produção do conhecimento, agora com o aval da ciência. Dessa maneira:



*Uma a uma, as formas de vida do planeta haveriam de ser extraídas do emaranhado de seu ambiente e reagrupadas conforme os padrões europeus de unidade global e ordem. O olhar (letrado, masculino, europeu) que empregasse o sistema poderia tornar familiar (“naturalizar”) novos lugares/ novas visões imediatamente após o contato, por meio de sua incorporação à linguagem do sistema. ( PRATT, 1999, p.66).*

A produção do conhecimento feita pelos naturalistas, desta forma, tinha o desejo de organizar o mundo, e, além de uma nomenclatura, coletavam espécies as mais diversas para serem estudadas, observadas, comparadas e catalogadas, e todas essas informações, bem como esses materiais deveriam ser armazenados em locais seguros, como livros, salas de coleções particulares ou públicas, e, principalmente, em jardins botânicos, símbolo do naturalista do século XIX.<sup>4</sup>

Lorelai Kury, em seu texto *Viajantes- naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem* aponta diversas questões sobre o debate que envolve dois tipos de cientistas-naturalistas. São eles: os “cientistas de gabinete” e os cientistas viajantes. Os primeiros são mais voltados para o estudo em bibliotecas, em leituras de coleções de história natural, em seus laboratórios, herbários, etc., sem um contato direto com o ambiente natural. Kury, apoiando-se em opiniões de cientistas do oitocentos, aponta vantagens para esse tipo específico de naturalista em detrimento do naturalista viajante:

*é verdade que conhece os seres dos países longínquos apenas através de relatos e amostras mais ou menos alteradas; as grandes cenas da natureza não podem ser sentidas por ele com a mesma vivacidade que por aqueles que as testemunharam; porém, esses inconvenientes são compensados por muitas vantagens. Se ele não vê a natureza em ação, ele pode fazer destilarem diante de si todos os produtos; ele leva o tempo que quiser para examiná-los; ele pode acrescentar ao estudo fatos correlatos de diversas procedências (apud Kury, 2001, p.864)*

Já os naturalistas viajantes têm características que vão para além do trabalho teórico, para além do texto escrito. Eles experimentam a natureza, aguçando os sentidos da visão, olfato, paladar, fundamentais, segundo alguns cientistas do período, para o desenvolvimento de reflexões mais precisas sobre o mundo natural. Alexander Humboldt era adepto dessa corrente de pensamento, alegando a importância das viagens para o aprimoramento do conhecimento científico. Segundo Kury, Humboldt:

*Defende que impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região fazem parte da própria atividade científica e não podem ser substituídas por descrições ou amostras destacadas dos lugares onde foram coletadas. Leitor de Bernardin de Saint-Pierre, ambos compartilham a opinião de que o gosto e a sensibilidade são parte integrante do ato do conhecimento (Idem, p.865.)*



O tipo de escrita também é uma forma de identificar o naturalista viajante. É necessário que ele descreva a natureza de forma inteligível, comparando-a e especificando-a de acordo com características geomorfológicas de cada localidade, além de chamar a atenção para a interação entre homem e mundo natural. Para tanto, muitos naturalistas lançam mão de descrições literárias, no intuito de registrar a natureza em sua totalidade, não deixando escapar nenhum aspecto singular das paisagens. Kury é bastante esclarecedora neste sentido, citando o caso de Von Martius:

*A tentativa de registrar a totalidade dos fenômenos naturais e a consideração dos fatos da cultura como parte integrante das paisagens naturais levou diversos naturalistas a buscarem auxílio na vivacidade das descrições literárias para delinear fisionomias. O botânico Von Martius recorre inúmeras vezes a citações iterárias e poéticas que o auxiliem na tarefa de descrever com precisão as sensações vividas (Ibidem, p.869).*

A partir destas observações, podemos denotar que a história natural do século XIX foi marcada por essas discussões envolvendo modos de produção de conhecimento distintos, e que, mesmo com todo este embate, uma característica não exclui a outra; estão em constante contato, em um círculo de informações que perpassam estas duas formas de desenvolver ciência natural no período. Para analisar, o “naturalista de gabinete” precisa minimamente de recursos materiais, de objetos concretos, de amostras de espécies. Para tanto, a função dos naturalistas viajantes se faz extremamente importante, pois são eles que irão coletar fragmentos, para fomentar, assim, o processo de análise científica.

## **2. VIAGEM E PRÁTICA DA CIÊNCIA NATURAL**

*[...] e, se a visão que uma criança tem da natureza já pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas. (SCHAMA, 1996, pp. 16-17)*

Em 1884, Antônio Bezerra recebe um convite do governo provincial para viajar à região norte da Província do Ceará, em comissão para mapear as especificidades de cada localidade. Bezerra, de antemão, recusa a proposta, reconhecendo as dificuldades que seria percorrer o interior da Província “em um tempo em que faltam os recursos de comodidade, senão até do necessário na travessia do sertão árido e abrasador” (BEZERRA, 1889, p.11).

Mas a recusa não foi acolhida, e, no dia 12 de setembro de 1884, a bordo do vapor Cabral, ele parte em viagem.

Antes de Bezerra, vários viajantes passaram em comissão pela Província do Ceará, com destaque para o naturalista João da Silva Feijó (1799), George Gardner, que esteve no Brasil entre os anos 1836 e 1841, a Comissão Científica de Exploração (1859), dentre outros. São momentos diferentes, com interesses os mais diversos, porém vieram, minimamente, com o caráter científico-naturalista, de identificação das características geomorfológicas da Província.

Como afirmado anteriormente, Bezerra tem uma formação bastante diversificada, transitando em vários campos do conhecimento. Seus livros são a prova disto. Escreveu sobre literatura, história, crônicas e descrições sobre Fortaleza, narrativas de viagens, etc. Segundo Raimundo Girão, citando Rodrigues de Carvalho, “no Ceará é figura obrigatória em tudo que seja manifestação de inteligência o conhecido literato Antônio Bezerra de Meneses. Investigador tenaz, idólatra das coisas de sua terra e amante das belas-letas” (BEZERRA, 1965, p.1) . Podemos notar, assim, que Bezerra procurou estar a par das discussões de seu período, no intuito de contribuir com seus dotes intelectuais e seu esforço investigativo. Além disso, com o livro *Notas de Viagem*, Bezerra objetivou dar algum retorno à sociedade cearense, instigá-la a desenvolver a educação, mais precisamente, o interesse pelas ciências naturais:

*Poderão acusar-me de que me excedi em fastidiosas digressões literárias, algumas científicas, muitas vezes fora do plano da obra, é exato; mas confesso que o fiz levado tão-somente por um motivo – o de despertar entre os moços de minha terra o gosto das ciências naturais pela exposição de ligeiras noções, porque infelizmente, para mais não dispunha eu de habilitações (BEZERRA, 1965, pp.17-18)*

Thomaz Pompeo de Sousa Brasil, importante político e estudioso tenaz de geografia, já alertara, em sua obra *Memória sobre a conservação das matas e arboricultura como meio de melhorar o clima da Província do Ceará*, publicada em 1859, para a questão da necessidade dos intelectuais-cientistas de tentar melhorar a situação da Província, diagnosticando problemas e propondo soluções. Revela também a multiplicidade de formação dos estudiosos do período, mostrando que eles em tudo queriam saber, até com um aspecto de curiosidade. Pompeo diz:

*Desculpe-nos o leitor a audácia de tratarmos de um assumpto que não é de nossa profissão; pelo que somos digno de indulgencia. Também não é a gloria que aspiramos, e menos a pretensão de parecermos versado em sciencias, cujos livros*

*apenas lemos por curiosidade; mas unicamente o desejo de ser útil a nossa província á cuja prosperidade dedicamos todos os nossos esforços* (POMPEO, 1997, nota ao leitor).

Como naturalista Bezerra reunia as características de botânico e zoólogo, no intuito de “confrontar a flora e fauna do interior com a flora e fauna do litoral, de geólogo ao verificar se nossas rochas pertencem à formação que lhes atribuí Mr.L.Agassiz ou são formadas de terrenos eruptivos”, de etnólogo e arqueólogo ao tentar” encontrar algum objeto ou fragmento dos usos e costumes dos primitivos habitantes do nosso solo”, de paleontólogo ao tentar encontrar algum fóssil, entre outras intenções, fazendo com que a viagem seja bastante proveitosa para o intelectual da capital, saciando seu desejo de conhecer o território cearense. Mas, por ser uma expedição financiada pelo governo provincial, Bezerra não pôde dispor de liberdade e também de tempo necessários para realizar todos os seus objetivos em um período de seis meses.

Além de atentar para a natureza, outros aspectos foram observados no decorrer da viagem, como a conjuntura política, econômica e cultural dos distritos. Bezerra constrói toda a narrativa com um discurso característico de um homem da capital, de um intelectual, denunciando as dificuldades sociais e culturais do interior cearense, e propondo soluções para melhoramento destas situações. Considerações estas muitas vezes de menosprezo dos costumes, denominando, às vezes, os habitantes de bárbaros e incivilizados, por não disporem de uma maior qualificação educacional, em virtude de falta de condições materiais para o desenvolvimento intelectual do povo.

Em sua viagem, Bezerra visitou ao todo 44 localidades do Ceará, mas analisou mais detidamente 19 delas. No mapa ao lado, o mais aproximado da época da viagem, as localidades enumeradas são as que Bezerra visitou.<sup>i</sup> Antônio Bezerra viajava em grupo, dispondo de arrieiros, guias, e seu meio de transporte que o acompanhou por quase toda viagem, o cavalo. Em toda localidade que Bezerra visitou, havia quem o recebesse, muitas vezes políticos, os quais já sabiam da visita do intelectual da



Província, denotando, assim, uma teia de relações entre os políticos da capital e do interior, compactuando com a mesma intenção, a de promover um estudo mais detalhado de todos os aspectos relativos ao econômico, social, político e natural das localidades cearenses. A primeira localidade analisada em seus pormenores foi Camocim, que fica situada no extremo norte, região do litoral da Província. Bezerra fica em êxtase ao deparar-se com a diversidade de conchas encontradas na praia. Utilizando-se de conhecimento específico e de leituras de conquiologistas, como Blainville e Ferussac, ele descreve as espécies por gênero e família, notando as diferenças e as semelhanças de cada uma, classificando-as de acordo com o aspecto físico, como cores, listras, perfurações, etc. Coleta as conchas para posterior análise. Percebemos, aí, características que especificam procedimentos de cientista natural, como a coleta, análise, comparação e classificação, utilizando o método lineano de identificação das espécies.

O processo de classificação das espécies é bastante interessante, pois denota uma atuação do homem nas esferas da natureza. Neste sentido, cultura e natureza estão bastante interligadas, pois, ao classificar, o homem produz sentido ao mundo em que vive, ou seja, há, assim, um processo de construção de significados da natureza, tornando-a inteligível. Keith Thomas, em seu célebre livro *O homem e o mundo natural*, explica como se dá este processo:

*[...] toda a observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais com que nós, os observadores, classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor, a qual de outra forma permaneceria incompreensível; e é sabido que, uma vez apreendidas essas categorias, passa a ser bastante difícil ver o mundo de outra maneira (THOMAS, 1996, p.62)*

Em Santana do Acaraú, Bezerra se sente bastante à vontade diante da esplendorosa planta, que, naquele momento, simbolizava o Ceará: a Carnaúba. Eram muitas, “espalhadas caprichosamente pelo meio das ruas me causavam agradabilíssima impressão”. Além do aspecto estético, Bezerra também estava atento às utilidades que esta planta teria, como a extração do óleo e a utilização da palha. Ainda em relação à carnaúba, Bezerra discorre sobre a “semelhança” que elas têm com o cearense, em uma passagem bastante interessante, por meio da qual percebemos o olhar do naturalista relacionando homem e natureza, sociedade e natureza, o que, para Thomas, é “tendência constante do pensamento humano projetar no mundo da natureza (e particularmente no reino animal), categorias e valores derivados da sociedade humana” e também ocorre o inverso, como veremos em Bezerra. Nesse sentido, as carnaúbas:



*Parece que simbolizam a sobranceira, a coragem do povo cearense em frente da aridez do solo, da inconstância das estações, da luta incessante para adquirir o pão da subsistência (...). Como o cerne de seu caule, tem o cearense a coluna dorsal sempre erguida, sem que sejam capazes de dobrá-las as calamidades de seu clima ou a prepotência do poder (...) Afeito à severidade do trabalho que o compensa quase sempre na razão inversa do seu esforço, é dotado de aptidão para tudo; o ponto é iniciá-lo. (BEZERRA, 1965, pp.66-67)*

A região onde Antônio Bezerra fica por mais tempo é na Serra da Ibiapaba. Ele se declara maravilhado pela vegetação deslumbrante, além de relatar sobre o clima diferenciado de serra, mais ameno, em contraposição ao calor excessivo do semi-árido do interior cearense. Em Viçosa, Bezerra descreve as características morfológicas das plantas e animais levando em consideração a interação que elas mantêm com o ambiente externo. Segundo ele, o frio propiciava também o maior desenvolvimento das faculdades mentais das pessoas, além de influenciar diretamente na cor da pele e nos hábitos. Com isso, podemos perceber uma narrativa carregada de leituras científicas, deterministas, de autores como Taine e Buckle, que perpassaram o período do final do século XIX, influenciando na formação dos intelectuais da capital da Província.

Seguindo viagem, Bezerra chega a Ubajara, ansioso para conhecer a gruta desta cidade. Acompanhado de guias e de políticos da localidade, Bezerra adentra a Gruta com a intenção de experimentar as belezas das rochas e contrastes de cores entre os minerais e a flora. Apesar de ser comum a presença de vida animal no subterrâneo, principalmente os morcegos, ali não se tinha conhecimento de algum aparecimento desses animais. No decorrer do passeio, Bezerra maravilha-se com a multiplicidade de cores e formatos das estalactites-formato de rochas afixadas no teto de grutas e cavernas, crescendo gradativamente para baixo-, “que nas paredes lembram cascatas subitamente congeladas”. O intelectual do Ceará se derrama em elogios ao comparar – como sempre faz - a Gruta de Ubajara a outras que ele toma nota através da leitura de livros, reconhecendo a diferença de experimentar algo presencialmente, sentindo a natureza em seus pormenores.

Segundo Almir de Oliveira, esta tendência de comparar localidades do sertão cearense com outras de alguns países da Europa reflete a vontade de “integração do Ceará a uma história das civilizações”, a qual estava presente na formação dos intelectuais do Instituto Histórico do Ceará, do qual Bezerra foi um dos fundadores. Além disso, em decorrência do seu universo de leituras europeias, Bezerra “fixava o olhar do território numa orientação europeizante e colonizadora”. Uma visão, segundo Oliveira, de um projeto cientificista importado. Uma tendência extremamente interessante, pois Bezerra, ao que se saiba até o





período da viagem (1884), nunca saiu do Brasil. Transitou por algum tempo em São Paulo, Rio de Janeiro, em busca de formação em Direito. Portanto, Bezerra viajava através de suas leituras, principalmente de viajantes, e, assim, passava a estabelecer reflexões acerca de outros países, interligando-as ao território local.

No decorrer do livro podemos perceber o olhar atento de Bezerra; um olhar diferenciado, típico de naturalistas, observando minúcias que muitas vezes passavam despercebidas por um viajante comum. Para o senso comum, a paisagem de um determinado lugar seria um objeto de fruição, um “repouso para os sentidos”, na expressão de Simon Schama, para o cientista natural ela passaria a ter mais sentidos, o de comparar e/ou diferenciar, tornar heterogêneo tudo o que visualiza; descrever em minúcias, mostrando a diversidade da paisagem, em contraponto a um “olhar de leigo”, muitas vezes homogeneizante. Para tanto, há toda uma preparação de Bezerra, levando na bagagem intelectual leituras de conchiliologistas, botânicos, paleontólogos, entomólogos, zoólogos, geólogos, etc., o que denota, sem dúvida, uma característica de cientista natural.

Passando adiante, Bezerra visita a localidade do Ipu, já há muito discutida em relatos de naturalistas viajantes sobre a variedade de minérios que se encontram nesta região. Bezerra atenta para a utilização desta potencialidade em proveito de “grandes construções”, na composição de argamassas, como a pedra calcária (carbonato de cal); pedras esféricas (aetites), coloridas, que, para Bezerra, são de grande serventia para o ofício da pintura.

Percebemos, assim, que uma das características da viagem de Bezerra remonta ao caráter exploratório dos recursos naturais. Vale lembrar que isso não é novo em viagens de naturalistas. Já no fim do século XVIII, a coroa portuguesa despontava como propulsora dos ideais de reconhecimento e possível exploração das riquezas naturais de suas colônias, principalmente no Brasil. Domingos Vandelli (1735-1816), catedrático de química e história natural da Universidade de Coimbra, alertara para o desenvolvimento de métodos que ajudassem os naturalistas a reconhecerem as potencialidades da natureza nas colônias portuguesas. Neste período, as ciências naturais, principalmente a botânica, estavam relacionadas intimamente com a agricultura, na criação e aperfeiçoamento de técnicas para o melhor aproveitamento das fontes naturais. Como salienta Prestes:

*Coube a Vandelli a formação de uma geração de naturalistas que deveria promover o desenvolvimento da pátria portuguesa, pois a Botânica não era apenas valorizada como disciplina acadêmica, mas almejada, especialmente, por sua aplicação na agricultura e exploração dos recursos naturais. Caberia aos naturalistas a tarefa grandiosa de coletar, nomear, descrever, analisar e explorar as riquezas naturais*

*de todas as terras do Reino, para o fomento do comércio ultramarino em benefício de Portugal.* (PRESTES, 2000, p.74)

Para Maria Odila, as características de identificação e exploração dos recursos naturais; tirar-lhes proveito a partir de trabalho empírico em campo, tendo como base um pragmatismo e utilitarismo fortes, estavam arraigadas na mentalidade dos homens de ciência do final do século XVIII e que perpassam grande parte do século XIX. Odila identifica isso como aspectos de ideais da ilustração, e que se ligam, primeiramente, à utilidade prática na agricultura, na maior produção de plantas.<sup>5</sup>

Características que perpassam por grande parte do século XIX, a tentativa de mapear o território para possíveis explorações se fez presente na Província do Ceará com a viagem de João da Silva Feijó, naturalista que apregoava esses ideais e, posteriormente, a Comissão Científica de Exploração, já em 1859, agora tutelada pelo governo imperial, dentre outros viajantes-naturalistas. Percebemos, assim, que essas viagens foram realizadas por cientistas que não eram naturais da Província, com interesses particulares para determinados grupos. Daí vem o interesse do Governo Provincial em financiar uma comissão em proveito das riquezas naturais. No decorrer do livro, Bezerra vai sinalizando fontes naturais, como a carnaúba, minas de salitre, plantas medicinais, minerais, rios, e os locais onde investimentos trariam benefícios para o povo. É interessante advertir que, no momento da viagem de Bezerra, em 1884, a lógica girava em torno de ideais capitalistas, de investimento e lucro.

Na localidade chamada Príncipe Imperial, localizada no território de Crateús (ver mapa), Bezerra se depara com algo inusitado até o momento da viagem. Precisando obter mais informações sobre a localidade, ele se dirige à casa do Vigário Macedo, “residente respeitável por sua idade, sua delicadeza, sua inteligência”. O Vigário presenteou Bezerra com um fóssil de mamífero extinto, provavelmente a parte que compreende o fêmur, medindo 55 centímetros de circunferência.

Exercitando suas leituras de naturalistas como Southall e Mr. Pictet, Bezerra constrói seu raciocínio científico a partir da observação atenta do fóssil. Julga ser de um megatério, que viveu no período Neógeno, entre o Piloceno e o Plistoceno. Para nós, historiadores, têm-se a propensão de achar que um fóssil pode estar distante de seu campo de análise, distante do seu ofício; mas podemos perceber que este material é de grande importância, pois é passível de problematizações por ser também um vestígio da história do planeta. Para tanto, o historiador deve lançar mão de estudos de paleontologia, de arqueologia, alargando, assim, o

seu campo de formação. Explicando o que é um fóssil, Richard Dawkins, cientista da atualidade, e ferrenho defensor das ideias evolucionistas, nos dá algumas informações básicas:

*A palavra fóssil é convencionalmente usada para referir-se a qualquer relíquia com mais de 10 mil anos. Não se trata de uma convenção útil, pois não há nada de especial em um número redondo como 10 mil.[...] Quando falamos a respeito de um fóssil, queremos dizer normalmente que o material original foi substituído ou infiltrado por um mineral de composição química diferente e, portanto, poderíamos dizer, ganhou uma moratória da morte (DAWKINS, 2009, p.32)*

Bezerra atenta também para uma curiosidade ocorrida com esses fósseis que foram encontrados, segundo o Vigário, em uma escavação após a enchente do rio Poti em 1879. Certa feita, em uma dessas escavações, foi encontrada uma ossada de um animal que, de tão grande, os moradores da localidade utilizavam-na para fazer cadeiras, e as omoplatas – ossos grandes, localizados na parte do tórax-, “servia de tábuas, sobre as quais lavadeiras batiam a roupa”. Interessante perceber as diferentes formas de utilização de um objeto. Assim, o que seria em sua essência uma ossada, sendo fonte de análise de paleontólogos, cientistas, passa a ter outra função, sendo apropriada de acordo com as necessidades práticas, tornando-se outro objeto, ganhando, assim, novo significado.

Ao fim do livro, e conseqüentemente da viagem, há um trecho do livro bastante interessante, no qual Bezerra faz uma síntese da variedade de plantas do território cearense, utilizadas para objetivos os mais distintos, como: na medicina, em mercearia, na construção, em tinturaria, além de servirem como alimento. Esta parte do livro denota claramente o objetivo central do Governo Provincial ao contratar um cientista natural para viajar às localidades do sertão cearense, pois percebe-se a preocupação de Bezerra em mapear todas as possibilidades de atuação do Governo, no sentido de perscrutar locais mais propícios à exploração, tanto no interior como nas serras. Bezerra diz:

*Em alguns pontos dominam com superioridade certas espécies vegetais, como bem em Sobral e Santa Quitéria as cordiáceas (paus-brancos), em Independência a eufórbea (favela), em Tamboril para o lado ocidental as cactáceas e euforbiáceas (marmeleiros), e para o oriental as acácias (angicos); nas planícies de Príncipe Imperial a leguminosa (jurema-preta); pelas margens dos rios e lagos diferentes variedades de combretáceas; em parte do Trairi a linda verbenácea (manacá); nos tabuleiros próximos da costa promiscuamente a melastomácea (carrasco), a rosácea (guajeru), a malpíghia (murici) e a quenopedácea (cauaçu); pelos campos do interior, que ocupam cerca de 4-5 da Província várias gramíneas, base de alimentação dos gados[...] Ao sopé das serras frescas, pelas faldas e cimos, a mata é mais viçosa e representada por espécies e gêneros próprios da zona tropical. Por aí vicejam robustas lauríneas, leguminosas, begoniáceas, sapotáceas, etc., como louros, amarelos, jataís, copaíbas, paus-d'arco, jacarandás, maçarandubas, e outras árvores não menos preciosas, que simbolizam a riqueza da flora cearense (BEZERRA, 1965, pp. 396-397)*

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de relatos de viagem do século XIX é um fascínio, por se tratar, dentre outras coisas, de textos agradáveis, líricos, nos quais os autores deixam respingar as suas visões de mundo, a bagagem cultural que eles carregam diante de universos culturais muitas vezes distintos dos seus. Nesse sentido, é fácil perceber o estranhamento que esses viajantes têm quando se deparam com situações do cotidiano de outras localidades. Bezerra também deixa transparecer inúmeros pontos de vista que o desagradam em relação aos moradores das localidades que ele visita, às vezes classificando-os como bárbaros, ignorantes, ou seja, que não estão diretamente ligados à uma condição intelectualmente proveitosa, típica de uma elite intelectual da capital cearense. Percebemos o profundo republicanismo de Bezerra; o ideal abolicionista; o notável ufanismo ao tratar de sua terra natal; entre outras características.

Assim, *Notas de Viagem* é um livro que nos dá inúmeras possibilidades de análise. Todavia, a escolha aqui foi feita para entender as nuances da construção do conhecimento da ciência natural no final do século XIX, tendo como referência e tomando como partida Antônio Bezerra. Para concluir este texto, lembrando que não é nosso objetivo terminar esta discussão, pois ela suscita muitas questões, faremos uma síntese das características que identificam Antônio Bezerra como um cientista-naturalista-viajante.

A primeira característica que define Bezerra como cientista natural é o Roteiro de Viagem. A própria viagem em si, como vimos, é um fator que identifica o cientista-naturalista. Desta forma, Bezerra delineia um roteiro contendo os locais nos quais ele atuará, observando e anotando em seu caderno de campo tudo o que visualiza. Ademais, a presença de guias em cada localidade, indicando os melhores lugares para pesquisa em campo, é também fator de diferenciação diante de um viajante comum.

A segunda remonta ao caráter central da pesquisa científica: coleta de amostras de espécies. Bezerra estava atento a tudo que serviria para possível análise. Coleta conchas, flores, fragmentos de rocha, borboletas, insetos, minerais, amostras de fósseis, e outros objetos para o estudo arqueológico e etnológico, como tembetá – adorno de pedra que pendia do lábio dos habitantes primitivos dos continentes americanos -, e fragmentos de louça.

A terceira é a utilização da taxonomia lineana no processo de identificação de espécies. Esta forma de classificação “tratava-se de um sistema artificial, baseado, quanto às plantas, no número, situação e proporção dos elementos de frutificação, estames e pistilos” (THOMAS, 1996, p.78). Além desta classificação mais voltada às plantas, Bezerra lança mão outros esquemas metodológicos de identificação, como divisão entre classes, ordens, gêneros, espécies e variedades. Percebemos, assim, que Bezerra tem a pretensão de se encaixar em

uma linguagem científica internacional, pertencente a um grupo seletivo de intelectuais do Ceará.

Outra questão importante é a metodologia que Bezerra utiliza para a realização das atividades científicas *in locu*. Como já citado, o olhar do cientista-naturalista é diferenciado, pois o intuito é pluralizar as características do mundo natural, descrevendo em minúcias suas peculiaridades. Para tanto, faz-se fundamental a utilização de instrumentos que o auxiliem na coleta, identificação e classificação, como o martelo geológico, microscópio, barômetro. Ligado a isso, há em Bezerra um esforço metodológico das ciências naturais no que concerne à investigação científica, pois a visualização dos aspectos da natureza se dá em um “quadro” investigativo que tem como mote, em primeiro lugar, a observação demasiada de um material; depois, a comparação desse material com outros; e, por fim, a classificação.

Então, notamos em Antônio Bezerra uma “fome” insaciável de curiosidade, ligada a uma formação intelectual diversificada que enriquece as descrições em *Notas de Viagem*. Um livro bem escrito, de agradável leitura, no qual Bezerra faz uso de seus dotes como literato, e mostra, *in locu*, para além de digressões científicas, o cotidiano real dos moradores da Província.

## **FONTES**

Mapa adaptado de: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa. **Memória sobre a conservação das matas e arboricultura como meio de melhorar o clima da Província do Ceará**. Ed.Fac-sim. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

MENEZES, Antônio Bezerra. **Algumas origens do Ceará**, Ed.fac-sim., Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009 (1ª Edição em 1918)

\_\_\_\_\_. **O Ceará e os cearenses**. ed.fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001 (1ª Edição em 1906)

\_\_\_\_\_. **Descrição da cidade de Fortaleza**, Fortaleza: UFC/ Casa José de Alencar, 1992 (1ª Edição em 1895)

\_\_\_\_\_. **Notas de Viagem**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1965 (1ª Edição em 1889).

STUDART, Guilherme. **Dicionário Bio bibliográfico Cearense**, Fortaleza: Tipo Litografia a Vapor, 1910 (Volume 1).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Gleudson Passos. **“Cientificamente interpretadas e utilitariamente aproveitadas”**: A Academia Cearense e a Soberania do Conhecimento e das Leis Científicas. *Revista Intellectus*, Ano 06, Vol1- 2007.
- DAWKINS, Richard. **A grande história da Evolução**: na trilha dos nossos ancestrais. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005.
- DUARTE, Regina Horta. **A biologia militante**. 1926-1945. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- \_\_\_\_\_. **História & natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 112 p.
- HELZER, Alda; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos (orgs.). **Ciência, Civilização e Império nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Access Editora, 2001.
- KURY, Lorelai. **Viajantes-Naturalistas no Brasil oitocentista**: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saude – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 863-80, 2001.
- LOPES, Maria Margaret. **Viajando pelo campo e pelas coleções**: aspectos de uma controvérsia paleontológica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.VIII (suplemento): 881-97, 2001.
- OLIVEIRA, Almir Leal de. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (1887-1914)**. São Paulo: Tese de Doutorado. PUC – SP, 2001
- PRESTES, Maria Elice Brzezinski. **A investigação da natureza no Brasil colônia**. São Paulo: Annablume, 2000.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. Tradução de HildegardFeist – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870- 1930**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 287 p.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800**. Tradução João Roberto Martins Filho. – São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 454 p.



## Notas

---

<sup>1</sup> Informações biográficas sobre Antônio Bezerra estão presentes em STUDART, Guilherme. **Dicionário Bio bibliográfico Cearense**, Fortaleza: Tipo Litografia a Vapor, 1910 (Volume 1).

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Almir Leal de. O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (1887-1914). São Paulo: Tese de Doutorado. PUC – SP, 2001; e CARDOSO, Gleudson Passos. “Cientificamente interpretadas e utilitariamente aproveitadas: A Academia Cearense e a Soberania do Conhecimento e das Leis Científicas. *Revista Intellectus*, Ano 06, Vol1- 2007.

<sup>3</sup> LOPES, Maria Margaret. Viajando pelo campo e pelas coleções: aspectos de uma controvérsia paleontológica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol.VIII (suplemento): 881-97, 2001.

<sup>4</sup> DUARTE, Regina Horta. *A biologia militante. 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

<sup>i</sup> Lista de municípios visitados por Bezerra: 1. Camucim; 2. Granja; 3. Santana; 4. Coreaú; 5. Viçosa; 6. Ibiapina; 7. São Benedito; 8. Campo Grande (Guaraciaba do Norte); 9. Ipu; 10. Ipueiras; 11. Príncipe Imperial (Crateús); 12. Tamboril; 13. Santa Quitéria; 14. Sobral; 15. Itapajé; 16. Itapipoca; 17. Acaraú; 18. Trairi; 19. Soure (Caucaia).

<sup>5</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005. Ver mais detidamente o artigo *Aspectos da ilustração no Brasil*, p.39-127.